

De danças clássicas ao “dance se souber”: tematização de estilos de dança

Jorge Luiz de Oliveira Junior

As danças foram tematizadas juntamente com os/as estudantes de duas turmas de 8º anos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Correia, localizada na zona leste de São Paulo, entre julho e outubro de 2022. A escola funciona em dois turnos: o da manhã acolhe turmas dos ciclos interdisciplinar e autoral, que compreende as turmas de 6º ao 9º ano com três aulas semanais de Educação Física, e o da tarde acomoda turmas do ciclo de alfabetização e interdisciplinar, que abrange turmas de 1º ao 5º ano com duas aulas semanais. Algumas situações didáticas aqui descritas ocorreram em aulas seguidas, conhecidas como dobradinhas.

Nessa tematização, contei com a participação de dois estagiários, Fábio Fábregas e João Victor Moraes, ambos estudantes de Licenciatura em Educação Física. Eles acompanharam as aulas, planejaram algumas atividades comigo e sugeriram intervenções. Como formas de registro do trabalho, utilizei um caderno próprio, além de fotos e vídeos. Com a correria do dia a dia do trabalho docente, me atenho a registrar os acontecimentos das aulas e algumas significações expressas pelos/as estudantes que acredito que podem me ajudar a planejar as atividades ao longo da tematização. Cabe destacar que, embora a escrita possa transmitir o contrário, as ações pedagógicas não ocorreram sem resistências dos/as estudantes ao tema e às atividades propostas.

Após o período de recesso escolar no final de julho, retomei junto aos/as estudantes o que havíamos tematizado até o momento: brincadeiras da cultura infanto-juvenil e ginástica de academia. A primeira tematização abrangeu as brincadeiras aprendidas na infância e realizadas até hoje por eles/as. A segunda incluiu problematizações acerca do “corpo ideal” disseminado discursivamente na sociedade. Na continuidade, disse sugeri estudarmos a dança, pois, constantemente, observava muitos/as realizando danças e coreografias que eram compartilhadas em suas contas do TikTok, em variados momentos do período escolar, o que gerou, inclusive, atritos pontuais com docentes e funcionários/as. A turma se dividiu, houve quem curtisse a ideia e quem não gostasse.

Já era do meu conhecimento que uma aluna da turma, a Mari¹ era dançarina de balé e jazz e um aluno, Gui, era ginasta e que já havia praticado balé. Conversando com ela e com ele entre uma aula e outra, percebi que estavam animados com o tema e que ajudariam nas aulas com seus conhecimentos e experiências.

No início não definimos o estilo musical. Fomos à quadra com uma caixa de som pertencente à escola e conectamos nossos celulares via bluetooth em sistema de revezamento. Mantivemos essa dinâmica por duas semanas. A intenção era observar como a turma reagia às músicas com o intuito de definir a tematização. Tocou de tudo um pouco: sertanejo, funk, pisadinha, axé, sofrência, reggae, samba, gospel, pop internacional, trap, rock. Percebi que alguns/as se animavam a cada estilo e, mal terminava a música, pediam para trocar. Enquanto alguns/as dançavam, outros/as preferiam ouvir e ver as pessoas dançando. Em um momento, uma das alunas pediu para colocar “dance se souber²”. Sabia do que se tratava, porém desconhecia o grande interesse e contentamento com as coreografias, sozinhos/as e em pequenos grupos. Registrei em meu caderno essas observações.



Fonte: Acervo do autor.

Com vistas a me apropriar melhor do tema, encontrei na internet uma classificação das danças ao longo dos tempos. Pensei que poderia servir como atividade disparadora de ideias e posicionamentos. Então, na aula seguinte, utilizei a lousa para apresentá-la e contextualizá-la: danças primitivas, danças na idade média, danças clássicas, danças modernas e danças contemporâneas. Na explicação dialogada, comentei sobre as principais características das danças em cada período e que nem sempre foi só repetição

¹ Nomes dos/as estudantes são fictícios.

² Dance se souber está disponível no youtube. Reúne fragmentos de músicas presentes no TikTok com o intuito de desafiar os/as usuários/as a reproduzirem coreografias.

de gestos como ocorre no “dance se souber”. Destaquei também a influência da ideologia cristã na proibição do corpo na idade média e o efeito disso nas danças desse período e nos seguintes. A Mari, que se prontificou a explicar junto comigo a dança clássica e contemporânea, disse à turma que o balé, enquanto dança clássica, possui movimentos firmes e repetitivos e que a dança contemporânea (que ela também pratica) contém gestos que expressam emoções e sentimentos e que também há coreografias. Frisou para a turma que, segundo sua professora, a dança contemporânea é tida como uma forma de resposta à dança clássica no que diz respeito à repetição exaustiva de movimentos.

Em outra aula, assistimos a alguns vídeos da internet que demonstram a prática das danças tratadas na aula anterior. A cada vídeo apresentado, solicitava que comparassem as diferentes gestualidades, os locais da prática, as roupas e as possíveis emoções expressas. Para a dança clássica, usei vídeos de balé e valsa. Nesse momento, a Mari e o Gui falaram sobre o treinamento intensivo e a cobrança de perfeição na execução dos movimentos. A Mari nos ajudou a compreender que esse tipo de dança pop romântica se caracteriza como dança contemporânea, pois o casal transmite muitas emoções e sentimentos nos gestos. Ela também fez questão de frisar a dificuldade em caracterizar o estilo, pois para ela, “pode ser bastante coisa”. Reproduzi novamente o vídeo e ela explicou o que o casal queria transmitir a cada novo gesto da coreografia, contando com a concordância de alguns/as colegas. Ao final, eu disse que poderíamos definir uma dança para tematização. Uma aluna sugeriu que estudássemos, não somente uma dança, mas várias. Acatei a proposta e a turma sugeriu focarmos a dança clássica e a contemporânea.

Entre uma aula e outra, em minha hora-atividade³, conversei com a Mari para ver a possibilidade dela compartilhar suas experiências no balé com a turma. Ela topou e pediu para convidar a Lia, do 9º ano, também bailarina, para participar da atividade. Nessa conversa, elas decidiram apresentar slides para facilitar a explicação.

Mari e Lia se prepararam para abordar o balé: suas características, história e festivais importantes. Comentaram sobre a baixa participação de bailarinas gordas nesses festivais e na própria prática corporal devido à imposição social de um certo tipo (magro, alto e flexível). Aproveitando o assunto, a Lia problematizou com a turma a ausência de bailarinas negras nos festivais de balé. Explicou que, desde cedo, aprendemos que as roupas e sapatilhas do balé são claras, geralmente nas cores branca, rosa e salmão e isso “combina” (ela gesticulou as aspás com os dedos das mãos) melhor com pessoas brancas.

³ Período de uma aula presente na carga horária docente destinado a pesquisar e planejar atividades.

Disse que somente em 2017 é que passaram a fabricar sapatilhas e roupas de balé para corpos negros. A reação foi imediata: “Que absurdo! Como pode isso?”; “Algo tão simples de resolver e demoraram tanto”; “Isso é racismo estrutural”. Aproveitei para relembrar à turma sobre o trabalho desenvolvido coletivamente na escola no ano anterior a respeito do racismo estrutural.

Continuando a explicação, ao compartilharem suas experiências, Mari e Lia contaram sobre a dureza e intensidade dos treinamentos de balé. Ambas relataram a cobrança da perfeição na execução dos movimentos e que, para isso, há muita repetição. Disseram que algumas professoras de balé são bem firmes e que, em alguns casos, há xingamentos e ofensas. Problematizei as imagens de leveza e delicadeza, algo bem “romantizado” em torno das bailarinas e do balé, enfatizando as experiências da Mari e Lia. O Gui disse que o treinamento chega a machucar os pés. Ele pediu para que eu pesquisasse no computador da sala de aula e compartilhasse algumas imagens dos pés das bailarinas. A turma se espantou com o que viu.



Fonte: Acervo do autor.

Ao término da apresentação das meninas, assistimos a vídeos dos gestos do balé e seus nomes. Feito isso, nos encaminhamos ao anfiteatro. Mari apresentou as vestimentas do balé, realizou alguns alongamentos e técnicas características da dança e guiou as/os colegas nas experimentações. Um acontecimento marcante da aula ocorreu quando um grupo de meninos que costumam realizar passinhos de funk, criaram uma pequena coreografia misturando o que foi ensinado pela Mari e Lia com seus passinhos. A turma curtiu quando demonstraram suas criações.

Na outra semana, iniciei a aula apresentando a notícia [Sapatilhas para bailarinas negras finalmente chegam ao mercado \(metropoles\)](#). Fizemos a leitura compartilhada

para retomar o assunto problematizado pela Lia na aula anterior. Enfatizei que esse tipo de situação pode parecer algo simples de resolver para alguns/as, porém disse que isso representa a seleção de corpos brancos e magros nessa dança e a exclusão de corpos negros, e que isso não acontece por acaso. Falei que pode ser uma forma de resistência dos/as praticantes para participarem da dança e de outros espaços comumente pensados para certos tipos de corpos. A Nani pediu a palavra: “Nós somos excluídos de vários espaços, acontece racismo em vários espaços. A gente já teve algumas conquistas, mas temos que continuar indo pra cima”.



Fonte: Acervo do autor.

Na outra semana assistimos a vídeos de valsa, tanto da dança praticada em festivais, quanto da daquela realizada em bailes de debutante e festas de casamento. Compreendemos que a valsa é executada em ritmo ternário e, por isso, a dança possui certas especificidades. No anfiteatro, os/as estudantes se distribuíram pelo espaço e, com a música clássica da valsa rolando, começaram a dançar em duplas e sozinhos/as. Como estavam organizados/as em pequenos grupos, caminhei de um em um para encorajá-los/as e auxiliá-los/as no entendimento dos passos da valsa. Em certo momento, alguns/as solicitaram os links dos vídeos tutoriais a fim de assistirem novamente e reproduzirem os gestos. Da música clássica da valsa, passamos para músicas bem conhecidas e tocadas em festas de debutantes: Ed Sheeran, Shawn Mendes e George Michael estavam entre as mais tocadas.

Na outra aula, fizemos um rápido levantamento das características das danças de estilo clássico tematizadas: balé e valsa. De modo geral, pude perceber em algumas falas a compreensão de que a dança clássica contém movimentos mais precisos e postura ereta. Destacaram também as explicações dos/as colegas de turma sobre a rigorosidade dos

treinamentos para aperfeiçoamento dos movimentos. Em seguida, comentei que assistiríamos a vídeos de variados estilos de dança contemporânea e solicitei que a turma prestasse atenção na movimentação dos corpos nas danças. Com o auxílio da Mari, selecionamos gravações de jazz, soul, lyrical, pop internacional romântico e hip-hop. Ela repetiu à turma que “dança contemporânea pode ser muita coisa, gente! O importante é saber que ela é uma forma de contraponto à dança clássica”. Um momento interessante ocorreu quando, em um vídeo de batalha de hip-hop, enquanto alguns/as estudantes falaram que era muito legal ver a batalha, a Mari afirmou que um dos dançarinos estava indo mal porque repetiu movimentos. Todos/as ficamos surpresos e a questionamos, pedindo mais explicações, ao que ela ofereceu sua leitura mais detalhada dos gestos dos dançarinos. Ao final, ressaltai que pelo fato dela ser dançarina, sabe ler essa prática corporal com maior profundidade.

Na continuidade dançamos diferentes estilos musicais, com ênfase no pop internacional. Observei que poucos/as, em duplas, fizeram passos semelhantes aos vídeos assistidos (uma menina fez um salto em direção a um menino que, por sua vez, a segurou, deu um giro e a colocou no chão). A maioria preferiu ouvir e cantar as músicas e ver os/as colegas dançando. Quando menos esperava, percebi que as músicas selecionadas eram do “dance se souber”, que contaram com um grande envolvimento da turma. Naquele instante, percebi que o “dance se souber” estava pedindo passagem nas aulas, então decidi trilhar por esse caminho.



Fonte: Acervo do autor.

Na outra semana, assim que cheguei na sala, a Eli pediu pra conversar comigo: “Professor, ontem eu dancei sozinha no meu quarto e me senti muito feliz por ter dançado.

Sabe quando você fica feliz por algo que está fazendo?”. Fiquei surpreso com a colocação e perguntei o que a motivou a dançar e a me falar aquilo. Ela respondeu que antes gostava muito de dançar e que, com o passar do tempo, foi perdendo a vontade porque algumas pessoas falavam que dançar não levava a nada. Prosseguiu dizendo que o estudo da dança fez com que voltasse a se animar, mas que ela não dançaria nas aulas. Cabe salientar que a Eli, desde o início, foi muito participativa nas aulas, ora comentando nas problematizações e nos vídeos, ora ouvindo e selecionando algumas músicas, mas sem realizar corporalmente as danças.

Em seguida, projetei no telão da sala o texto [O que é TikTok? \(TechTudo\)](#), que trata da origem do aplicativo, suas principais características, a grande adesão devido à facilidade de compartilhamento e viralização de posts e vídeos curtos. Comentei que o fenômeno do TikTok fez com que outras redes sociais, como YouTube e Instagram criassem ferramentas específicas para compartilhamento de vídeos curtos e rápidos, os “shorts” e “reels”, respectivamente.

Durante a leitura coletiva, aqueles/as estudantes que conhecem e vivem cotidianamente o aplicativo, fizeram comentários que auxiliaram na melhor compreensão do assunto por todos/as nós. Um dos alunos da turma disse que só de ver um vídeo por cerca de 10 segundos, os algoritmos entram em ação e fazem aparecer na sua página mais vídeos relacionados ao primeiro. Explicou sobre o que são e como funcionam os algoritmos nas redes sociais e exemplificou sua fala com uma situação em que viu uma receita de bolo e que, dali em diante, só aparecia sugestão de vídeos de receita. O Gui também contribuiu, de forma irônica, dizendo que viu um vídeo de um “menino biscoiteiro” e que só apareciam vídeos assim pra ele. A turma inteira riu e me explicou que esses são vídeos de meninos musculosos e sem camisa dançando.

Percebi a animação de boa parte do grupo ao tratar desse assunto e, então, com o intuito de provocá-los/as, questionei qual seria o estilo de dança do “dance se souber”. A Mari prontamente respondeu que não considera as danças presentes no TikTok uma dança. Nesse instante, uma discussão acalorada tomou conta da turma. Algumas falas contrárias foram: “Oxi, como não é dança?” e “Ela fala isso porque só gosta de balé”. Controlei os ânimos exaltados e pedi que explicasse. Ela disse que, em sua opinião, dança é criação e sequência de gestos, sincronia, expressão de sentimentos e, que por isso, uma coreografia exige muito estudo e preparo dos/as dançarinos/as. Finalizou explicando que as danças do TikTok, apesar dela gostar, dançar e compartilhar vídeos na rede social, são apenas cópias e reproduções de partes de coreografias. O posicionamento pareceu fazer

sentido à turma, que ficou dividida. Assim, passamos à realização do “dance se souber” na quadra, no mesmo formato adotado nas aulas anteriores.

Na semana seguinte, iniciei a aula desenhando uma tabela no quadro: de um lado, algumas características do TikTok tratados no texto da aula anterior e, do outro, algumas características da sociedade neoliberal, como competitividade, individualidade, consumismo, efemeridade. Abordei a relação entre ambos e o sucesso do aplicativo, justamente porque mobiliza aspectos da sociedade neoliberal. Comentei, por exemplo, que as pessoas vivem se culpando por não ter tempo de cumprir suas tarefas diárias e que isso é um prato cheio para a visualização de vídeos curtos e rápidos, além de, ao verem mais vídeos, mais anúncios comerciais são veiculados. Uma aluna lembrou que os vídeos de dança no TikTok são editados e individuais e estabeleceu relações com a individualidade e competitividade presente no meio social. Como se trata de assunto complexo que requer um debate aprofundado para além de ser contra ou a favor, solicitei outros exemplos cotidianos da presença da competição. Perguntei se na dança há competição e a turma respondeu afirmativamente. A Mari disse que o filme “Ela dança, eu danço 5: tudo ou nada” mostra uma competição de danças. Diante dessa fala, propus que assistíssemos ao filme na próxima aula.

Ao iniciar a aula, pedi para observarem as situações de competição que o filme traz. Ao final, levantei alguns pontos para conversarmos: a dança enquanto modo de vida das personagens, como ferramenta de ascensão social e a competitividade nas disputas. De maneira geral, retomaram a fala da Mari em aulas anteriores sobre o treinamento exaustivo e repetitivo dos grupos de dança do filme; disseram que se não fosse pela dedicação, um grupo de dança não teria vencido; comentaram que a vontade de ganhar a qualquer custo levou outro grupo a trapacear na competição.



Fonte: Acervo do autor.

A Mari, na outra aula, me procurou para sugerir como trabalho final a elaboração e apresentação de coreografias. Como a turma não curtiu a ideia, pedi que pensassem no assunto e fizessem sugestões. Avisei que faríamos o “dance se souber”. Um grupo de estudantes, motivado pelo filme, propôs que fizessemos uma espécie de competição de “dance se souber”. Perguntei como imaginavam que pudesse acontecer. Pensaram em dividir-se em pequenos grupos e cada um que dançasse corretamente marcaria pontos. A turma gostou da proposta e, assim, nos encaminhamos à quadra. A atividade foi bem aceita e a mantivemos nas aulas seguintes.

Entre uma aula e outra, conversei com a professora Alline, de Língua Portuguesa, que atua na escola. Ela é dançarina e participante do Núcleo de Estudos em Corporeidades Negras ([@nucleocorporeidades](#)), que se dedica a analisar a presença do corpo negro nas artes, nos rituais e nos fenômenos sociais. Expliquei sobre a tematização em curso acerca de estilos de dança e a convidei a compartilhar suas experiências com a turma.

A professora Alline compareceu à aula seguinte. Expliquei à turma que ela, enquanto representante de outro estilo de dança, compartilharia sua experiência conosco. As meninas e meninos demonstraram surpresa, pois desconheciam que a professora era dançarina. A Alline contou que começou a dançar flamenco quando morou em Portugal, mas que apesar de gostar da dança, não se sentia representada devido ao fato das dançarinas serem brancas, altas, magras e terem cabelos lisos. Com o passar do tempo, conheceu, por meio de amigas, as danças afro-brasileiras, danças dos orixás e disse que se sentiu representada por esse estilo de dança.



Fonte: Acervo do autor.

Conversou sobre o núcleo de estudos que frequenta, apresentou imagens, um vídeo da dança dos orixás e descreveu os gestos dessa dança. Alguns/as estudantes perguntaram sobre as cores das vestimentas e adereços utilizados. Ela, então, explicou que as roupas amarelas e douradas simbolizam a riqueza e o espelho nas mãos significa que a orixá é muito vaidosa. Já com a orixá que representa uma pessoa idosa, as roupas possuem tons mais escuros e o corpo fica encurvado, com movimentos curtos e lentos. Observei que a turma ficou muito interessada. Ao final, convidados/as a falar, alguns/as estudantes disseram ter gostado de conhecer esse estilo de dança.

Na outra semana, com a finalização do tema, propus como atividade final responder duas questões por escrito: o que aprenderam ao longo das aulas e como foi a experiência dessa tematização. Para auxiliá-los/as, escrevi no quadro um resumo dos acontecimentos. Algumas respostas foram bem interessantes, foi possível perceber o grande envolvimento e que o tema afetou os/as estudantes de diferentes formas.